

Brasil está protegido da crise dos EUA, diz Pamela Cox

País é um bom modelo de como se pode ajudar na agenda das mudanças climáticas

FERNANDO EXMAN
BRASÍLIA

Até agora imune à crise financeira internacional, o Brasil deve continuar protegido. Isso porque, apesar de manter fortes laços com a economia dos Estados Unidos, o país não depende exclusivamente dos consumidores norte-americanos. Além disso, o crescimento da China manterá os preços das commodities em alta, o que beneficiará a balança comercial nacional. Tal prognóstico não foi repetido por algum integrante da otimista equipe econômica do governo Luiz Inácio Lula da Silva. Esta é a opinião da vice-presidente do Banco Mundial (Bird) para a América Latina e o Caribe, Pamela Cox.

Em meio aos impactos negativos da crise nos Estados Unidos e na Europa, disse ontem Pamela em entrevista exclusiva a este jornal, há duas boas notícias. "Não vimos ainda um impacto grande em outros países", declarou. A outra é que a economia da América Latina está mais forte do que no passado. "Os países aumentaram superávits, reduziram dívidas e voltaram a crescer. É claro que nunca sabemos, mas a região está bem preparada. Estamos muito felizes que a América Latina tenha dado os passos necessários para lidar com as fragilidades do passado."

Para a vice-presidente do Bird, como a crise está muito concentrada nos EUA, os países que tiverem laços comerciais estreitos ou tiverem um número grande de migrantes naquele país sofrerão mais. Quem depender das vendas ao mercado norte-americano pode ter grandes prejuízos com uma queda



China manterá preços mundiais em alta, diz Pamela Cox

do consumo. Além disso, os estrangeiros que moram nos EUA poderiam enviar menos recursos aos seus países de origem. "Apesar de o Brasil ter bons laços, não depende do comércio com os EUA. O Brasil não está sentindo agora o impacto dessa crise", comentou.

Apesar do otimismo, Pamela preferiu manter a cautela. Recusou-se a garantir que esse cenário perdurará a longo prazo. Perguntada se o Brasil continuará protegido, sorriu e descontraiu. "Eu poderia ganhar muito dinheiro em Wall Street se pudesse profetizar."

Nas vésperas de o governo enviar a proposta de reforma tributária ao Congresso, volta à agenda nacional a discussão sobre a necessidade de o país alterar as regras microeconômicas vigentes, bandeira sempre defendida pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Pamela Cox evitou polemizar. "Não é o Banco Mundial que dirá o que o Brasil precisa fazer. O país tem tido grande sucesso ao investir em pessoas, particularmente com o Bolsa Família, que está diminuindo as taxas de pobreza e de

sigualdade. Assim como outros países da região, o Brasil precisa investir mais em infra-estrutura", disse, reconhecendo a importância do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

A economista está em Brasília para participar do evento que reúne até hoje parlamentares das principais economias do mundo, executivos de grandes empresas e representantes de organismos internacionais para discutir estratégias para o combate ao aquecimento global. Pamela disse que os países em desenvolvimento devem assumir suas partes na luta pela redução dos gases que provocam o efeito estufa, como o gás carbônico. "Essa é uma tremenda oportunidade para países como o Brasil, que tem sido um líder em energia limpa, com os biocombustíveis e as hidrelétricas. O Brasil tem dado grandes passos para proteger suas florestas. É um bom modelo de como um país em desenvolvimento pode ajudar na agenda das mudanças climáticas".

A vice-presidente do Banco Mundial também elogiou as iniciativas de cooperação Sul-Sul promovidas pelo governo brasileiro para ajudar países mais pobres na produção de biocombustíveis. E revelou que o Banco Mundial já começou a estudar mecanismos para incentivar o desenvolvimento de tecnologias limpas.

Pamela disse que um debate a ser enfrentado é até onde o combate ao aquecimento global pode prejudicar o crescimento econômico dos países em desenvolvimento. Ponderou, no entanto, que as mudanças climáticas tendem a prejudicar os mais pobres. "Os mais pobres são os primeiros a sofrerem com poluição e água contaminada. Mitigar o aquecimento global beneficiará os pobres."